

M Ü L L E R B A R O N E

Histórias do Velho

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Angélica Ayres

IMAGEM DA CAPA: Marco Duboc

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B265h BARONE, Müller. –
Histórias do Velho / Müller Barone – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2020.
176 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-644-4

1. Conto I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O VELHO

Quanto, afinal, uma pessoa pode mudar nossa vida, nosso modo de pensar, a forma como vemos as coisas, as pessoas, como as tratamos? Até que ponto alguém pode mudar a nossa alma?

O Velho mudou tudo isso em nós. Sete garotos que mudaram seus hábitos em razão de suas histórias; sete adolescentes que, antes dos quinze anos, antes de qualquer crise existencial típica da fase de selvageria hormonal, passaram a olhar o mundo com mais atenção, com um senso de observação além do ensinado pelo Buda, que o Velho nos passou certa vez: “O tolo dorme como se já estivesse morto, mas o mestre está acordado e vive para sempre. Ele observa. Ele tem clareza.” Aprendemos a observar, mas não com a leveza do sutra que ele citou; aprendemos a observar com a apreensão daqueles que sabem que o mundo não se resume ao que é visto e explicável. Estávamos certos, muito cedo, de que todos os valores conhecidos eram apenas relativos, e de que morreríamos quase tão ignorantes quanto havíamos nascido. Teríamos perdido o sorriso, se ele não tivesse proibido cada um de nós, por consideração a ele, de deixar de sorrir e também não nos tivesse mostrado que existem sempre dois caminhos, ao menos, para levarmos a vida.

O Velho nos fazia pensar em tudo o que nos contava. Estudávamos feito loucos para nos livrarmos rapidamente das provas e deveres do colégio, porque assim tínhamos mais tempo

para pensar sobre suas histórias e até pesquisar algo sobre elas, sobre as pessoas, coisas, seres e situações delas. Divagávamos sobre o Velho e suas fábulas. Todos os pais estranharam nosso silêncio, nossa ausência, ao ponto de se reunirem e cogitarem o fato de nos impedirem de encontrarmos com ele.

Ficamos tão presos àquilo que não éramos capazes de imaginar como reagiríamos no dia em que tudo acabasse. Crescemos sem nos afastar porque sempre tínhamos o que falar sobre ele e com ninguém fora do grupo admitíamos comentar algo. Claro que sempre podíamos contar suas histórias para os outros, fazemos isso até os dias de hoje, mas só entre nós era possível viver a energia da presença dele, mesmo depois que ele sumiu. Cada vez que os sete se reuniam para falar daquelas noites, tínhamos a nítida impressão de que tudo a nossa volta parava e voltávamos ao terreno baldio.

Longe de lembrar de tudo ou ser igual a ele, tentei reproduzir uma parte de suas histórias como lembrava delas e das situações em que ele nos contou. Não estão todas aqui, há muitas outras.

Tomara que, de onde quer que esteja, seja paciente comigo, como sempre foi com todos, e aceite este livro como um ato de amor, perdando as falhas que o tempo causou.

Felipe.

AS BONECAS

O ‘Velho’ era um mendigo que vimos perambulando, certa vez, pouco antes do Natal de 1982, pelas ruas próximas de onde morávamos. Algumas noites ele acendia uma fogueira no terreno baldio. Não o víamos sempre, mas acabamos conversando com ele em 21 de junho de 1983. Naquela tarde, ele nos cumprimentou e disse que tinha muitas histórias para contar, se quiséssemos ouvir. Aceitamos, mas ele disse que só poderia nos encontrar de novo na próxima sexta, à noite. Mais curiosos que ansiosos, esperamos. Nossas vidas começavam a mudar.

Cada um de nós levou algo para nós e para o velho, suco, refri, bolachas. Ficamos pouco mais de uma hora com ele, mas, com o som daqueles gravetos crepitando, grilos, sapos ou bichos da estação, mais aquela barba desgrenhada e naqueles tons de cinza, branco e preto do Velho, tudo parecia durar horas. Em seus olhos só conseguíamos enxergar as chamas, mas todos sentíamos que havia algo além da aparência e do reflexo da luz. Tínhamos a sensação quase aterrorizante de que tudo nele se transformava e que as histórias talvez fossem reais, como ele afirmava. Do jeito que narrava, parecia que tinha vivido todas elas, ele dizia que sim, mas, ao mesmo tempo, deixava a dúvida. Em todas as suas quase fábulas, como ele as chamava, havia uma força estranha buscando algo, ora justiça, ora vingança, ora amor, ora ódio. Era algo que não

obedecia a qualquer regra, dogma ou julgamento. Dava a impressão, às vezes, que o Velho era uma força materializada ali para nos contar suas andanças por séculos, mundos, tempos e dimensões diferentes. Muitas vezes nos perguntamos se ele não seria um alienígena, um viajante do tempo, um visionário ou mesmo um esquizofrênico, mas nunca sentimos vontade de indagá-lo sobre isso, nem mesmo soubemos seu nome. Com o tempo, aceitamos que nada disso era necessário, o fascínio que, no começo, sentíamos por ele e suas histórias, foi transformando cada um de nós, e a atração que ele exercia sobre nós se tornou um amor dos mais puros de nós por ele e dele por nós. Bastava, sempre bastou.

Sua primeira história começou com um alerta: “Lembrem sempre de que todas as coisas têm uma alma. Não importa se são animadas ou inanimadas. Tudo que existe tem uma alma, e guarda dores, lembranças, sentimentos e desejos. Tudo o que vocês fazem, pensam ou falam causa algum efeito sobre as coisas que estão perto de vocês.” Só hoje me dou conta de que o vocabulário do velho era bom demais para um mendigo.

A história

Havia uma menina que maltratava seus brinquedos, especialmente as bonecas, palhaços e bichos de pelúcia. Desde muito pequena a garota massacrava a todos: batia com suas cabeças nas paredes, arrancava as pernas, jogava-os na água suja ou pela janela.

Até uma certa idade suas atitudes foram consideradas normais, coisas de criança hiperativa. Mas com o tempo foram causando preocupação aos pais. Certa vez, chegaram em casa e flagraram a garota, já com sete anos, com uma faca, tesoura e agulhas. Assustaram-se porque havia algo vermelho como

sangue espalhado por todo o quarto. Era molho de tomate. A menina o havia espalhado sobre três bonecas, um palhaço e dois ursos para simular sangue, sangue que deveria ser dos olhos das bonecas que ela extraiu com a faca, das mãos do palhaço que ela cortou e costurou, depois, viradas para trás, e das patas dos ursos que ela simplesmente cortou.

A menina fez tratamento, tomou remédios e o tempo continuou passando. Ela melhorou, mas, vez ou outra, aparecia um brinquedo – boneca, bicho de pelúcia ou coisa assim – quebrado, jogado pela janela ou abandonado no lixo. Depois da primeira menstruação ela nunca mais teve brinquedos ou fez qualquer maldade com os que sobraram (duas bonecas e um palhaço), nunca mais teve qualquer atitude estranha, cresceu, namorou, estudou, casou.

Certo dia, seus pais foram visitá-la, ela esperava um bebê, uma menina. Eles levavam para ela uma das bonecas que ela não levou, que ficou com os pais. Eles moravam a uma distância de quatro horas da cidade em que ela vivia. Saíram de sua cidade às duas da tarde, portanto, às dezoito e trinta, ela começou a se preocupar e se sentir mal, porque os pais ainda não haviam chegado.

Dezenove e trinta e nada de seus pais aparecerem. Às vinte horas, o telefone de sua casa toca e seu marido atende. Os pais morreram em um acidente no caminho até sua casa, os corpos estavam no necrotério da cidade.

No IML, enquanto o marido reconhecia o casal, ela aguardava em outra sala. Um auxiliar informou que a bolsa da mãe viera com ela do local do acidente até ali, as malas e outras coisas estavam na polícia rodoviária. O rapaz lhe entregou uma bolsa grande. Entre carteira, chocolates, papéis e chaves estava a boneca que a mãe levava para ela, para enfeitar o quarto da neta. A última boneca que ela ganhou. A boneca estava inteira, apenas um risco na testa e não era do

acidente, foi um arranhão que ela fez no brinquedo há muito anos, ela ainda lembrou que foi a última vez que machucou um brinquedo. Abraçou a boneca, chorou e pediu desculpas.

Ela ficou com a boneca o tempo todo, só a largou depois que os pais foram enterrados. Após o funeral, ela foi até o quarto da filha que iria nascer e colocou a boneca entre o palhaço e a boneca loira que já estavam lá. O trio de brinquedos que havia sobrado agora estava junto mais uma vez. Ela olhou para os três, deu um sorriso de paz e virou as costas. Assim que apagou a luz e segurou a maçaneta para fechar a porta, ela ouviu um chiado atrás de si, parecia que alguém dentro do quarto fez “chiiuuu”. Ela acendeu a luz, olhou e nada viu. Achou que o barulho veio de fora. Apagou a luz outra vez, fechou a porta e saiu. Quando estava no topo da escada para deixar o segundo andar da casa, escutou o barulho de porta abrindo. Voltou-se achando que era o marido e viu que era a porta do quarto que acabara de fechar que estava um pouco aberta.

— Saco de fechadura.

Voltou e, com a luz que entrava pela janela, pensou ter visto algo se mexer. Impressionada, acendeu a luz e, de repente, sorriu. Era o palhacinho que aparentemente tinha caído do local em que estava. Ela o arrumou outra vez e, enfim, apagou mais uma vez a luz, fechou a porta e se foi. De repente, no escuro do quarto, a boneca recém-chegada virou os olhos em direção à porta.

No sétimo mês de gravidez, depois de ter arrumado o quarto do bebê, ela tropeçou em algo no topo da escada e rolou todos os degraus. Teve que ser levada urgentemente ao hospital, com hemorragias e risco de perder o bebê.

Os médicos salvaram a criança e a mãe, mas ela fraturou a perna de um jeito que passou a mancar para sempre e a menina acabou ficando com uma cicatriz na testa porque houve necessidade de uso de fórceps.

Quando voltaram para casa, o marido encontrou o palhacinho no topo da escada, pegou-o do chão e levou-o para o quarto.

Mais ou menos uns seis meses se passaram sem qualquer problema, salvo por um ou outro barulho no quarto do bebê, que parecia que era a porta, ou a janela ou o gato andando por lá. Nesse tempo, a menininha começou a ficar irritadiça, parecia que estava sempre nervosa e chorava. Uma noite, a mulher teve a impressão de ter visto a boneca morena correr do berço para seu lugar na estante. Achou aquilo loucura, acendeu a luz, entrou no quarto e tentou fazer a filha parar de chorar. Ela não parava, só parou quando a mãe, em mais uma tentativa, deu-lhe a boneca morena. Estranhamente a menina calou e dormiu. A partir daquele dia, sempre que mais nada a fazia dormir, eles punham a boneca junto da menina no berço e ela dormia.

Uma noite, pai e mãe deixaram felizes a filhinha no berço. A garota dormia fundo, depois de ficar um tempão no colo do pai. Eles sorriram olhando para ela no berço e, de repente, um vento estranho entrou pela janela, mas eles nem se deram conta, só notaram a cortina se mexendo. Ela foi até a janela e fechou-a, para não ter barulho nem vento frio. Fecharam a porta e foram dormir. Naquela noite, não se ouviu um único barulho na casa, nem do vento, nem de porta, nem na rua, nem grilos, nem cães, nem carros ou pessoas. Foi uma noite de tanto silêncio que parecia que tudo tinha parado, até a respiração das pessoas.

Pela manhã, ele foi trabalhar. Antes, abriu a porta do quarto da filha, sorriu para ela e jogou um beijo. Minutos depois, a mãe desperta e olha o relógio, se assusta com a hora e corre para a cozinha preparar a mamadeira, estranhando que a menina ainda não tivesse acordado para mamar. Subiu rápida as escadas, já chamando a menina, abriu a porta do

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2020.
